

**A *Crónica de 1344* para além de Pedro de Barcelos:
perspetivas recentes e novidades**

Filipe Alves Moreira
(SMELPS/IF/Universidade do Porto; bolsheiro da FCT¹)
Arthur L-F. Askins
(University of California, Berkeley)

As sucessivas atualizações da BITAGAP e da BETA de PhiloBiblon têm vindo a disponibilizar, nos últimos dez anos, algumas importantes novidades relativas a manuscritos e versões da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, em resultado de pesquisas levadas a cabo pelos membros das equipas ou por outros investigadores. As páginas que se seguem pretendem descrever mais detalhadamente tais novidades e atualizações, tão ao gosto da nossa saudosa colega Aida Dias, integrando-as numa perspetiva global e analítica do estado atual dos conhecimentos sobre essas matérias.

A *Crónica de 1344*: estudos sobre os seus manuscritos e as suas redações

Embora se deva a Ramón Menéndez Pidal (1^a edição 1898; 3^a 1918) o trabalho inicial de identificação de manuscritos da *Crónica de 1344* e de tentativa de estabelecimento das suas relações genealógicas, a primeira visão global e integrada destes problemas surgiu em 1951, no volume introdutório da edição desta crónica, da responsabilidade de Luís Filipe Lindley Cintra. Os manuscritos então conhecidos foram agrupados por Cintra em duas grandes famílias correspondentes, de acordo com as suas conclusões, a duas redações – a primeira, da autoria de Pedro Afonso, terceiro Conde de Barcelos, a segunda, anónima –, ambas originalmente escritas em português. À primeira redação pertenceriam os manuscritos designados M^2 e E^3 , representantes de uma tradução castelhana. À segunda, pertenceriam os manuscritos portugueses designados C^4 , L^5 e P^6 (do qual se conheciam algumas cópias diretas⁷), bem como os manuscritos castelhanos designados U^8 , Q [$Q1^9$ e $Q2^{10}$] e V^{11} . À exceção de U , de Q [$Q1$ e $Q2$] e de P , todos estes manuscritos (nenhum dos quais é anterior ao século XV) contêm cópias fragmentárias ou parciais, de extensão variável. Cintra identificou também as principais divergências entre as duas redações da *Crónica* (especialmente notórias na secção do texto anterior ao começo do reinado de Ramiro I) e escolheu o manuscrito base da sua edição – o manuscrito português L , certamente originário da corte de D. Duarte –, explicando detalhadamente as razões desta sua escolha. O então jovem investigador português fornecia, ainda, descrições globais dos diferentes manuscritos e do seu percurso, mais pormenorizadas no caso dos manuscritos portugueses do que no dos manuscritos castelhanos. Uma das razões para este maior detalhe residia na circunstância de os textos

¹ Bolsa de pós-doutoramento com a referência SFRH/BPD/72825/2010.

² Salamanca, Biblioteca General Universitaria, Ms. 2656 (BETA manid 1505).

³ San Lorenzo de El Escorial, Real Biblioteca del Monasterio, &.II.1 (BETA manid 1500).

⁴ Porto, Biblioteca Pública Municipal, ST 86 (Geral 79) (BITAGAP manid 1492).

⁵ Lisboa, Biblioteca da Academia das Ciências, MS. Az. 1 (BITAGAP manid 1081).

⁶ Paris, Bibliothèque nationale de France, Fonds Portugais 9 (BITAGAP manid 1155).

⁷ Lisboa, Biblioteca Nacional, COD. 8650 e Évora, Biblioteca Pública Municipal, CV / 2-23 (BITAGAP manids 1490 e 1491).

⁸ Madrid, Biblioteca Francisco de Zabalburú y Basabe, 11-109 (BETA manid 1506).

⁹ Madrid, Biblioteca Nacional de España, MSS/10814 (BETA manid 1504).

¹⁰ Madrid, Biblioteca Nacional de España, MSS/10815 (BETA manid 1501).

¹¹ Madrid, Real Biblioteca del Palacio, II-875 (BETA manid 1502).

de *L* e *P* conterem um conjunto de especificidades que, de alguma forma, os singularizavam no conjunto dos manuscritos conhecidos. No caso de *L*, essas especificidades consistiam, segundo a descrição de Cintra, basicamente num conjunto de lacunas, deliberadas (omissão da história dos reis de Portugal, com a intenção expressa de a contar separada e detalhadamente) ou resultantes de acidentes materiais (falta de vários capítulos no reinado de Afonso VI) e na substituição da parte final da crónica (reinados de Afonso X – Afonso XI) por uma tradução incompleta da *Crónica de Afonso X*, texto cuja versão original remontava a meados do século XIV. Quanto a *P*, residiam as suas especificidades, sobretudo, num trabalho constante de abreviação do texto de um manuscrito português da segunda redação da *Crónica de 1344* e na inserção de um prolongamento da história dos reis de Portugal, de Afonso IV a Afonso V, bem como de um sumário dos reinados de Pedro I e Henrique II de Castela, acrescentos certamente da responsabilidade do Condestável D. Pedro, promotor e primeiro possuidor do manuscrito.

O trabalho de Cintra foi imediatamente reconhecido – sobretudo em Espanha e nos Estados Unidos – como o início de uma nova era no estudo dos complexos problemas relacionados com os primeiros dois séculos da atividade historiográfica em Portugal (sécs. XII-XIV) e com a historiografia castelhana escrita em língua vulgar entre os reinados de Afonso X e Afonso XI. Esse reconhecimento verificou-se, desde logo, em diversas recensões, das quais haverá que destacar as que foram assinadas por Diego Catalán (1959) e por Samuel G. Armistead (1966), ambas publicadas na revista *Romance Philology*, bem como um extenso artigo-recensão da responsabilidade de um já octogenário Menéndez Pidal (1955). Tratando de produzir verdadeiras recensões (e não meros resumos do trabalho recenseado), todos estes autores apresentavam, porém, a par de numerosos e justificados elogios a Cintra, um conjunto de observações complementares e, mesmo, um ou outro ponto de discordância.

Para os propósitos do presente trabalho, deverá destacar-se a recensão de Armistead. Entre outras correções ao trabalho de Cintra (e ao de Catalán entretanto surgido), o investigador norte-americano acrescentava, com efeito, à lista de manuscritos da *Crónica de 1344* então conhecidos uma cópia quatrocentista parcial (começa com Vermudo III) da tradução castelhana da segunda redação desta obra, pertencente aos fundos da Biblioteca Menéndez y Pelayo, em Santander¹². Apesar de ignorada por Menéndez Pidal (1918), Cintra e Catalán (1959), esta cópia tinha já sido descrita no catálogo de manuscritos dessa instituição, elaborado nos anos 30. No breve parágrafo dedicado a este manuscrito, Armistead adiantava, ainda, a possibilidade da origem navarra (ou, em todo o caso, oriental) do seu copista e, com base na análise da secção do seu texto dedicada à matéria das *Mocedades de Rodrigo*, sugeria a sua independência face aos restantes testemunhos castelhanos da *Crónica de 1344*.

O estudo da *Crónica de 1344* nas suas diferentes versões conheceu um segundo momento decisivo em princípios dos anos 70, com a edição, de Diego Catalán e de Maria Soledad de Andrés, da secção inicial da tradução castelhana da primeira redação desta crónica, com base no texto de *M*. Esta edição vinha acompanhada por uma substancial introdução da responsabilidade de Catalán. No que diz respeito ao estudo das relações dos manuscritos da *Crónica* entre si, Catalán reproduz o *stemma* já estabelecido por Cintra, acrescentando-lhe apenas o manuscrito de Santander previamente noticiado por Armistead, manuscrito a que atribuiu a designação *S* (1971, XLVI). Uma leitura atenta das palavras de Catalán leva, inclusivamente, a pensar que o grande investigador espanhol não terá consultado demoradamente este manuscrito, pois nunca refere as suas lições, ao contrário do que sucede com os restantes testemunhos da tradução castelhana da segunda redação da *Crónica*. Um destes testemunhos, pertencente à Biblioteca de Francisco

¹² Santander, Biblioteca Menéndez y Pelayo, ms. M-109 (BETA manid 1503).

Zabálburu em Madrid, e designado *U* (Cintra 1951, CDLXXXIX e DXXII-DXXIII), foi escolhido por Catalán para figurar no rodapé da sua edição, como contraponto comparativo ao texto do manuscrito *M*. Segundo dizia Catalán, este manuscrito *U* constituiria a base da edição do texto castelhano da segunda redação da *Crónica de 1344*. Tratava-se de um projeto já antigo que remontava, pelo menos, à década de 1900, quando Menéndez Pidal e o seu discípulo Navarro Tomás procederam à leitura e comparação dos testemunhos então conhecidos (Catalán 1971, VIII). Apesar de também Cintra ter referido esta projetada edição, o seu aparecimento foi sendo sucessivamente adiado, pelo que os capítulos de *U* editados por Catalán constituíam, então, os únicos resultados públicos desse longo processo. Outro contributo importante desta edição foram as descrições dos manuscritos castelhanos (I: LXXIII-LXXIV e LXXVI-LXXX), que melhoraram em alguns pontos as descrições previamente apresentadas por Menéndez Pidal (1918, 17-58) e por Cintra (I: CDXC-CDXCIII e DXXII-DXXIV).

Em meados dos anos 70 do século passado, tudo parecia indicar, assim, um futuro risonho para o estudo da *Crónica de 1344*, a começar pela análise dos seus diferentes manuscritos e versões. Essa expectativa saíria, todavia, gorada. A edição da porção restante do manuscrito *M* e a longamente projetada edição do texto da tradução castelhana da segunda redação da *Crónica* nunca chegariam a aparecer e, no período decorrido entre meados dos anos 70 e meados dos anos 90, ninguém mais voltaria aos manuscritos, limitando-se a crítica dessas épocas, basicamente, a utilizar o texto estabelecido pela edição Cintra (cujo quarto e último volume surgiria apenas em 1990). Em resultado de tudo isto, o texto da edição Cintra foi sistematicamente identificado, durante essa época, como sendo o texto da *Crónica de 1344* redigido pelo Conde de Barcelos, o que, evidentemente, não poderia deixar de provocar sérias distorções analíticas.

A situação começou a mudar em meados dos anos 90, época a partir da qual foi sendo habitual a preocupação da crítica em distinguir cuidadosamente o texto da primeira e da segunda redações da *Crónica*, retomando assim a linha interpretativa iniciada por Cintra e prosseguida por Catalán (1971). A circunstância de a parte final do manuscrito *M* permanecer inédita levou mesmo alguns investigadores a recorrerem diretamente a esse manuscrito. São de destacar, neste paradigma interpretativo baseado na distinção entre a primeira e a segunda redação da *Crónica*, diversos trabalhos de Isabel Barros Dias e de Maria do Rosário Ferreira¹³.

Regresso aos manuscritos. Para além da distinção entre a primeira e a segunda redação da *Crónica de 1344*

Havia, contudo, lugar para uma outra linha interpretativa, complementar da anterior e não menos importante, que assumisse o regresso aos manuscritos como atitude crítica fundamental, procurando aprofundar as relações existentes entre eles, e tivesse também em conta o texto de cada um dos manuscritos, encarando-os não apenas como testemunhos de um texto anterior, mas também como entidades significantes, objetos de estudo em si mesmos, seja quanto à sua materialidade, seja quanto à sua textualidade (ou à conjugação de ambas). Este tipo de análise originou, recentemente, um conjunto interessante de reflexões.

Os manuscritos castelhanos da segunda redação da *Crónica de 1344* continuam a ser os menos estudados. O manuscrito *S* foi alvo de um estudo paleográfico e codicológico

¹³ Veja-se a bibliografia apresentada na página web do projeto *Pedro de Barcelos e a monarquia castelhana-leonesa: edição e estudo da secção final inédita da Crónica Geral de Espanha de 1344*, projeto de que voltaremos a falar (<http://pedrodebarcelos.wix.com/cronica1344#!bibliografia/c15j2>).

publicado em finais dos anos 90¹⁴, que permitiu alargar o estado de conhecimentos sobre este manuscrito, limitado, até então, ao breve parágrafo da já referida recensão de Armistead aos trabalhos de Cintra e de Catalán (1959). Por outro lado, um projeto de investigação financiado pela FCT e presentemente em curso¹⁵ tem como objetivo a edição e o estudo da seção final da *Crónica de 1344* (reinados de Afonso X – Afonso XI), a partir do texto dos manuscritos castelhanos da segunda redação desta crónica. Esta seção final, cujo texto íntegro subsiste apenas nos referidos manuscritos castelhanos, permanece, com efeito, inédita. Cintra limitou-se a editar em anexo da sua edição o texto dessa secção presente num dos manuscritos portugueses, o manuscrito *P*, texto esse que, para além de incompleto (termina no princípio do relato do reinado de Afonso XI), é geralmente mais abreviado do que o texto dos manuscritos castelhanos. O referido projeto de investigação, de que alguns resultados foram já tornados públicos (Ferreira), disponibilizará o texto íntegro de cada um dos manuscritos castelhanos da segunda redação correspondente a essa secção final, bem como uma edição crítica e um conjunto de estudos. Deixará de ser possível, a partir desse momento, continuar a afirmar-se (como por vezes ainda se faz) que a *Crónica de 1344* termina com o relato do reinado de Fernando III.

Os manuscritos portugueses, com textos derivados da segunda redação da *Crónica*, especialmente os manuscritos quatrocentistas *L* e *P*, com suas cópias, têm suscitado mais atenção, certamente devido ao facto de o texto destes manuscritos conter mais especificidades do que o dos manuscritos castelhanos, e portanto apresentar globalmente uma identidade própria.

Tendo em conta essas especificidades, Aengus Ward, num importante estudo dedicado ao chamado *Arreglo toledano* da *Crónica de 1344* (texto provavelmente elaborado em meios judaicos de Toledo e ainda bastante negligenciado pela crítica), demonstrou a existência de uma relação entre o texto castelhano deste *Arreglo* e o texto de *L*. A sugestão de Ward foi acolhida e desenvolvida por Catalán, que, no seu último trabalho de grande fôlego (2005), analisou pormenorizadamente as relações existentes entre o referido *Arreglo* e os manuscritos castelhanos e portugueses da *Crónica de 1344*, avançando a ideia de que o autor do *Arreglo* terá tido acesso, não propriamente a *L*, mas ao seu rascunho (313-321). A importância desta constatação (que exigirá, porém, alguma atenção adicional), para além de eventualmente melhorar o *stemma* dos testemunhos da *Crónica de 1344* desenhado por Cintra, reside na possibilidade de começarmos a ter uma ideia mais precisa da circulação da *Crónica de 1344*. Sabia-se já, desde os trabalhos de Menéndez Pidal (1918), que a *Crónica de 1344* tinha sido uma das crónicas mais divulgadas em Castela ao longo dos séculos XV e XVI. Cintra, que chegou a prometer um estudo específico sobre esta questão (todavia nunca efetuado) precisou que essa difusão foi especialmente intensa no caso da segunda redação da *Crónica*, cenário igualmente verificável em Portugal (I: CXXVI, CCCXV). Mas, para além das crónicas quatrocentistas de autor conhecido que tiveram na *Crónica de 1344* uma das suas fontes, é ainda muito pouco o que se sabe acerca dos circuitos castelhanos de receção desta crónica. Com efeito, apenas um dos manuscritos castelhanos, *Q1*, contém indicações sobre o seu promotor (o segundo Conde de Benavente), e muitas das obras que aproveitaram a *Crónica de 1344* permanecem de autoria desconhecida. Será necessário, portanto, aprofundar o estudo desta questão, prestando, por exemplo, atenção ao círculo historiográfico de Alfonso de Cartagena e seus discípulos. De momento, a atestação mais antiga do conhecimento da *Crónica de 1344* em Castela pertence às *Siete Edades del Mundo*, obra de Pablo de Santa Maria (pai, como é sabido, de Alfonso de Cartagena), que

¹⁴ Gurruchaga Sánchez 1998.

¹⁵ Projeto *Pedro de Barcelos e a monarquia castelhano-leonesa: edição e estudo da secção final inédita da Crónica Geral de Espanha de 1344* (<http://pedrodebarcelos.wix.com/cronica1344>).

é anterior a todos os manuscritos castelhanos da *Crónica* hoje conhecidos (Conde 1996). O próprio Cartagena e os seus discípulos (como Diego Rodríguez de Almela) tiveram também acesso a cópias desta *Crónica*, e são bem conhecidas as relações estreitas estabelecidas entre o Bispo de Burgos (então ainda Deão de Santiago) e a corte portuguesa, especialmente com o Infante, e depois rei, D. Duarte. As investigações de Ward e Catalán (2005) vieram trazer novos dados sobre a difusão da *Crónica de 1344* em Castela, mostrando que essa difusão não se resumiu ao conhecimento da tradução castelhana desta *Crónica*. E não deixa de ser curioso que, quer no caso do *Arreglo toledano*, quer no dos círculos relacionados com Cartagena, estejamos perante meios judaicos, ou de origens judaicas.

O manuscrito *L* da *Crónica de 1344*, disponível desde 2007 em edição fac-símile¹⁶, beneficiou da atenção recente de outros autores. Moreira estudou a secção final desse manuscrito (2012), correspondente à tradução parcial da *Crónica de Alfonso X*, considerando-a parte integrante do projeto historiográfico subjacente à sua feitura, e não como mera junção de um texto diverso (perspetiva que tinha sido adotada por Menéndez Pidal no único estudo que, até então, essa tradução tinha suscitado). A riqueza material de *L* – inquestionavelmente o manuscrito português laico mais rico elaborado em data anterior ao século XVI – suscitou também a atenção dos estudiosos da história da arte, sendo de realçar um importante estudo das suas iluminuras, da responsabilidade de Horácio Peixeiro, bem como duas teses de mestrado entretanto realizadas sobre a mesma matéria, mas com pontos de vista complementares¹⁷. As possíveis influências italianas na conceção artística do manuscrito são algumas das novidades trazidas por estes estudos. Duas outras teses de mestrado¹⁸ ocuparam-se do texto deste manuscrito, procurando editá-lo a partir do trabalho editorial e do registo de variantes realizado por Cintra.

O manuscrito *P*, já disponível na Internet em digitalização de alta qualidade, pela Bibliothèque nationale de France, tem suscitado também a atenção de estudos recentes. Nuno Espinosa Gomes da Silva assinou o único trabalho de fundo até agora existente sobre a parte final da secção do prolongamento da história portuguesa específico deste manuscrito, dedicada aos reinados de D. Duarte e de D. Afonso V, parte especialmente interessante por tratar-se do único relato historiográfico português desses reinados elaborado por um contemporâneo. Moreira concentrou-se (2013, 329-341), em contrapartida, no relato do reinado de D. Afonso IV presente nesse mesmo prolongamento, mostrando que ele se baseou na *Crónica de Portugal de 1419* (facto que se verifica também nas anotações marginais dos reinados de D. Afonso III e de D. Dinis). Cristina Sobral, por sua vez, demonstrou convincentemente que o celeberrimo manuscrito da *Crónica do Mouro Rasis* pertencente a Manuel Severim de Faria e descrito, no século XVIII, pelo Conde da Ericeira, não era tal, mas sim, basicamente, uma cópia parcial dos capítulos de descrição geográfica e história antiga da Península Ibérica de *P*, cuja origem (essa sim) remonta, em última instância, à tradução portuguesa do Rasis.¹⁹ Finalmente, Carlos Pio estudou o percurso deste mesmo manuscrito, acrescentando diversos dados ao que já tinha sido afirmado por Cintra. Continua a faltar, todavia, um estudo verdadeiramente global do texto deste manuscrito em confronto com o texto dos restantes manuscritos da *Crónica de 1344*. Não é ainda possível, por isso, dizer se as suas características fundamentais se resumem ao processo de abreviação já identificado por Cintra (I: DXV), ou se esse processo tem implicações discursivas mais profundas e estratégicas. O referido projeto financiado pela FCT irá certamente ocupar-se desta

¹⁶ *Crónica Geral de Espanha de 1344* 2007.

¹⁷ Pandiello Fernandez e Tibúrcio.

¹⁸ Miranda e Pedrosa.

¹⁹ Sobral 172 ss.

questão no que diz respeito à secção final; mas será ainda necessário alargar a análise às restantes secções do texto. Também as suas relações com os manuscritos castelhanos deverão aprofundar-se, especialmente no que diz respeito à porção de texto devida ao terceiro copista interveniente na sua feitura. Conforme notou Cintra (I: DXXX-DXXXI), a porção de texto devida a este copista destinava-se a colmatar uma lacuna no antecedente comum a *P* e a *L*, tendo, portanto, e obviamente, tido como modelo um outro manuscrito.

As novidades incluídas nas mais recentes atualizações da BITAGAP e da BETA de PhiloBiblon inserem-se também neste paradigma de regresso aos manuscritos da *Crónica de 1344* e atenção prestada a cada um deles, procurando ir além da distinção entre primeira e segunda redação. Vejamo-las em concreto.

Novos dados em PhiloBiblon

- i) Dois novos manuscritos da tradução castelhana da segunda redação da *Crónica de 1344*.

Até há pouco, o manuscrito *S* era o único testemunho da *Crónica de 1344* dado a conhecer após a edição Cintra. As últimas atualizações de PhiloBiblon incluem três novos testemunhos, muito recentemente identificados.

Dois deles são manuscritos castelhanos e acham-se, por isso, descritos na BETA. O primeiro – a que, de acordo com as designações utilizadas no projeto em curso financiado pela FCT, poderemos designar de *N*²⁰ – é um manuscrito seiscentista (ou ainda de finais do século XVI) da Biblioteca Nacional de Espanha, devendo-se a Filipe Alves Moreira a sua correta identificação enquanto cópia da tradução castelhana da segunda redação da *Crónica de 1344*. Esta cópia principia com o relato do reinado de Fernando I (uma opção muito comum entre os manuscritos de *Crónicas Gerais*, mas, curiosamente, pouco frequente entre as cópias da *Crónica de 1344*) e contém todo o restante texto da crónica, até ao fim do reinado de Afonso XI. Para além da *Crónica de 1344*, contém também um outro texto, da autoria de Pedro Guerra de Lorca, facto que deverá ser tido em conta no momento de se estudar a sua origem e os propósitos subjacentes à sua feitura.

O outro manuscrito castelhano da *Crónica de 1344* muito recentemente identificado – designado *G* pela equipa do referido projeto de investigação – pertence aos fundos da Bibliothèque de Genève²¹ e foi identificado por Francisco Bautista, cujas notas estão na base da descrição fornecida pela BETA. É um manuscrito de finais do século XV, ou princípios do século XVI. Tal como *N*, também *G* contém uma cópia da tradução castelhana da segunda redação da *Crónica de 1344* que começa com o reinado de Fernando I. Este facto, juntamente com a coincidência observável nas epígrafes iniciais de cada reinado presentes em *G* e em *N* (e ausentes de todos os outros manuscritos, tanto castelhanos, quanto portugueses) sugere a hipótese de que *N* seja cópia de *G*. O trabalho entretanto realizado pela equipa do referido projeto de investigação parece confirmar esta hipótese, pelo menos no que diz respeito aos reinados de Afonso X, Sancho IV, Fernando IV e Afonso XI. Será igualmente possível adiantar, desde já, a hipótese de que *G* seja independente de todos os restantes manuscritos castelhanos da *Crónica de 1344* hoje conhecidos. Como é evidente, estes dados deverão ser aprofundados, e a análise estendida às restantes secções da *Crónica*. Do ponto de vista material, o uso do papel e a ausência de aparato, quer em *G*, quer em *N*, sugerem tratar-se, em ambos de casos, de cópias utilitárias.

²⁰ Madrid, Biblioteca Nacional de España, ms. 1499 (BETA manid 4975).

²¹ Genève, Bibliothèque de Genève, ms. I.e.204 (BETA manid 5378).

ii) “Versão condestabriana” e “versão duarteana”

No que diz respeito aos manuscritos portugueses, descritos, por isso, pela equipa de BITAGAP, a primeira novidade a observar é a assunção plena das especificidades de cada um dos dois mais antigos e mais extensos códices portugueses, *L* e *P*. Conforme vimos, essas especificidades foram já descritas, nas suas linhas gerais, por Cintra. Apesar disso, Cintra englobou os dois manuscritos sob a designação genérica de testemunhos da segunda redação da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Só em relação a *P* chegou a admitir a possibilidade de se poder falar numa terceira redação desta *Crónica*. Julgamos, porém, que essas especificidades são de molde a considerar a existência efetiva de duas versões diferentes derivadas da segunda redação da *Crónica de 1344*, reveladoras não apenas de uma intenção de cópia (como aparentemente sucede com os manuscritos castelhanos), mas de modos de receção e de estratégias de escrita integráveis em projetos historiográficos próprios. Atendendo à origem dos dois manuscritos em questão, resolveu, por isso, a equipa de BITAGAP, atribuir aos respetivos textos as designações de “versão condestabriana” (*P*) e de “versão duarteana” (*L*).

No caso da “versão duarteana”, haverá que ter em conta, sobretudo, por um lado, a omissão voluntária (e como tal expressamente declarada) da história dos reis de Portugal; por outro, a integração, após o relato do reinado de Fernando III, de uma tradução incompleta da *Crónica de Alfonso X*. A primeira destas opções estará certamente relacionada com as estratégias historiográficas desenvolvidas pela corte portuguesa na primeira metade do século XV, que corporizam um projeto integrado de leitura do passado visivelmente condicionado pela necessidade de legitimação da nova dinastia e pela orientação do seu principal propulsor, que foi, sem dúvida, o Infante, depois rei, D. Duarte. As condições particulares, bem conhecidas nas suas linhas gerais, de ascensão de D. João ao trono português e correlativo estabelecimento da nova dinastia levaram, com efeito, a importantes mudanças na orientação da historiografia portuguesa. À conceção pan-hispânica previamente dominante, e presente em ambas as redações da *Crónica de 1344*, que encarava Portugal como parte de um território, a Espanha, perspectivado como cenário da ação de reis, nobres e clérigos, contrapõe a historiografia patrocinada pela Corte de Avis uma visão diferente do reino português. Em confronto com as conceções historiográficas previamente dominantes, esta nova visão do passado português revela-se, por um lado, mais restritiva, na medida em que adota uma conceção nacionalizante, segundo a qual Portugal é uma comunidade humana diferenciada dos restantes reinos peninsulares. Mas, por outro lado, e por razões em boa medida explicáveis pelas condições de acesso de D. João I ao trono, alarga o objeto do discurso historiográfico, que deixa de ser apenas o relato das ações de reis, nobres e clérigos, para acolher também a ação das camadas não privilegiadas (no sentido sociojurídico) da sociedade. Ora, não será difícil associar a primeira destas características com a opção da “versão duarteana” de omitir a narração da história dos reis de Portugal com a intenção de a contar separadamente e por extenso, afirmando assim (até do ponto de vista material) a sua autonomização face aos restantes reinos peninsulares. Igualmente não será difícil associar a intenção de contar separadamente e por extenso a história dos reis de Portugal com a feitura, contemporânea da “versão duarteana” da *Crónica de 1344*, da *Crónica de 1419* e das *Crónicas de D. Pedro, D. Fernando e D. João I* (a primeira provavelmente, e as restantes seguramente redigidas por Fernão Lopes), nas quais se verifica o alargamento do discurso à participação dos estratos não privilegiados da sociedade.

Quanto à “versão condestabriana”, será de reter, desde já, por um lado a manutenção da visão hispanizante, decerto compreensível no contexto do percurso político de alguém que, como o Condestável D. Pedro, ambicionou a coroa do reino de

Aragão. Por outro, a preocupação em prolongar e atualizar a história dos reis de Portugal até ao reinado de D. Afonso V, redigindo-se, quanto a este último, um relato que, como Cintra antecipou e Espinosa Gomes da Silva confirmou, é claramente uma justificação e glorificação das ações e do posicionamento político do Infante D. Pedro e dos seus filhos, no contexto das lutas intensas que dividiram a sociedade portuguesa durante, sobretudo, a menoridade e primeiros tempos da governação plena do *Africano*. Mas não é apenas nestes aspetos que poderemos entender as opções e conteúdo da “versão condestabriana” no contexto dos círculos do Condestável D. Pedro. É, por exemplo, extremamente significativa a frase final do resumo do reinado de D. Pedro I de Portugal (“E aqui se pode notar que mays val bem reger que conquistar”). Como não ver nela a oposição, tantas vezes manifestada, do Condestável à política expansionista de Afonso V, nem sempre consensual no seio da própria corte?

Ainda a respeito da “versão condestabriana”, a descrição da BITAGAP contém a identificação da parte correspondente aos reinados de Pedro I e de Henrique II de Castela (outra das especificidades desta versão) como sendo, basicamente, uma tradução resumida da *Crónica* respetiva de Pedro Lopez de Ayala. Deveu-se esta identificação a Covadonga Valdaliso,²² confirmando-se plenamente uma hipótese em tempos sugerida por Isabel Beceiro Pita (227).

Todos estes aspetos deverão, obvia e desejavelmente, aprofundar-se em investigações futuras. O que de momento nos interessou realçar foi a identidade da “versão condestabriana”, que vai muito além de simples testemunho do texto original da segunda redação portuguesa da *Crónica de 1344*.

Investigações recentes da equipa da BITAGAP permitiram, ainda, descrever com minúcia as várias cópias do manuscrito *P*, bem como a identificação de mais alguma cópia fragmentária deste mesmo manuscrito²³. Tudo isto poderá ser visto nas respetivas fichas descritivas²⁴. A disponibilização integral já mencionada, relativamente recente, do manuscrito *P* no *site* da Biblioteca nacional de França permitiu também precisar um ponto relacionado com a receção deste manuscrito. Com efeito, Cintra notara já o conhecimento revelado por Fr. Francisco Brandão, nas partes da *Monarquia Lusitana* de sua autoria, de um manuscrito da *Crónica de 1344* (I: CXXXVI, CLXV-CLXVII, CLII). Devido ao facto de a numeração dos capítulos alegados por Brandão (e relativos ao reinado de D. Dinis) não coincidirem, aparentemente, com a numeração de nenhum dos manuscritos conhecidos da *Crónica de 1344*, Cintra considerou que o historiador alcobacense teria tido acesso a uma cópia portuguesa dessa *Crónica* entretanto desconhecida. Um exame atento do manuscrito *P*, possibilitado pela sua disponibilização *on-line*, revelou, porém, a Arthur Askins a existência de uma numeração alternativa desses capítulos, situada à margem e coincidente com a numeração referida por Fr. Francisco Brandão. É, portanto, bastante provável que *P* tenha sido o manuscrito efetivamente manejado por Brandão.

iii) Um novo manuscrito português da *Crónica de 1344*

Talvez a principal novidade trazida pelas recentes atualizações de BITAGAP seja, porém, a identificação e descrição de um novo manuscrito português da *Crónica de 1344*²⁵.

²² Informação oral comunicada pela própria.

²³ Foi também incluída uma ficha sobre um panegírico do Infante D. Pedro, texto cujas relações com a “versão condestabriana” não estão esclarecidas. Cf. Silveira.

²⁴ BITAGAP manids 1489, 1490, 1491, 1695 e 2858.

²⁵ Lisboa, Biblioteca do Palácio da Ajuda, 51-XIII-36 (BITAGAP manid 6027).

Ao consultar, em março de 2014, o catálogo inédito de manuscritos da estante 51 da Biblioteca da Ajuda elaborado pela antiga bibliotecária Maria da Conceição Geada, impressionante e detalhadíssimo trabalho de leitura imprescindível para todos quantos queiram conhecer os fundos desta biblioteca²⁶, Filipe Alves Moreira deparou-se com a seguinte descrição, contida no Volume 19 (2004):

«51-XIII-36
Crónica dos reis Godos e naturais de Espanha.
Cópia. Letra do séc. XVI

Códice de 329 f.
Muito mal conservado»

Pedido o códice para consulta, rapidamente se apercebeu este investigador de que a suposta «Crónica dos reis Godos e naturais de Espanha» (título atribuído, ao que tudo indica, pela própria Geada), era, na realidade, uma cópia quinhentista, em papel e com algumas lacunas, de uma das versões da *Crónica de 1344*. Tendo presentes as principais características dos manuscritos castelhanos e dos manuscritos representantes da “versão duarteana” e da “versão condestabriana” desta crónica, a leitura de algumas passagens do códice da Ajuda levou-o ainda a formular uma hipótese quanto à filiação deste códice na árvore genealógica dos manuscritos da *Crónica de 1344*. A pasta que albergava o manuscrito da Ajuda continha também um bilhete com uma nota da responsabilidade de um dos anteriores diretores desta biblioteca, Francisco da Cunha Leão²⁷, que acrescentava novos dados à descrição física do códice e à descrição do texto nele contido. Mais à frente, teremos ocasião de salientar a excepcional importância do conteúdo desta nota, que aqui transcrevemos:

«Séc. XVI
Crónica dos Reis Godos e naturais de Espanha
Folio 329 f. – 2 mãos – sem capa de encadernação – conserva nervos das costuras na lombada

51-XIII-36
8 cadernos de 42 fls?

287
329
42f.

Vid. f. 212 nota marg.: “aqui emtra o quaderno” “como reinou elRey dom Ramiro e como se levantou contra elle [Nepociano] [*sic*] e como pellejarom ambos e o elRey vemceo”

“a quy emtra o quaderno de pergaminho e pasado todo o dito caderno com duas folhas que dentro estam metidas para se pôr as faltas e [apagaduras] do caderno (...) [*sic*]”

²⁶ Este catálogo é BITAGAP bibid 16967. As informações bibliográficas dos outros catálogos inéditos elaborados por Geada encontram-se também na BITAGAP (bibids 17001 e 17002)

²⁷ Devemos a identificação da autoria desta nota manuscrita à Dra. Margarida Cerqueira, a quem muito agradecemos.

Imediatamente comunicados estes dados a Arthur Askins, uma primeira versão da descrição deste manuscrito e do seu conteúdo foi disponibilizada em BITAGAP algum tempo depois. Em finais de 2014, Arthur Askins, Martha E. Schaffer e Filipe Alves Moreira voltaram a consultá-lo, melhorando e corrigindo os dados inicialmente disponibilizados em BITAGAP. Devido ao seu mau estado de conservação, a consulta deste códice está compreensivelmente sujeita a restrições, pelo que não nos foi possível uma leitura integral do seu texto. Podemos, apesar disso, adiantar desde já uma hipótese quanto ao lugar por ele ocupado no *stemma* dos testemunhos atualmente conhecidos das diferentes versões da *Crónica de 1344*. Começemos por ver detalhadamente o conteúdo do manuscrito da Ajuda, assinalando as lacunas que ele apresenta.

O texto, copiado por pelo menos duas mãos, começa no folio 1, com “[Os] Nobres baroes de grande emt[...] q~ escreveram as estoryas”, palavras que correspondem ao início do prólogo da segunda redação da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. A estas palavras, segue-se o resto do prólogo e o capítulo inicial da *Crónica*. Nem o prólogo, nem o capítulo inicial têm epígrafes, que só aparecem a partir do segundo capítulo. A partir deste momento, o texto da *Crónica de 1344* prossegue regularmente até ao fól. 212. A primeira metade do reto deste fólio contém a parte final do capítulo CCL da *Crónica* (de acordo com a numeração da edição de Lindley Cintra, que tomaremos como referência para facilitar a localização dos trechos citados); segue-se, no reto desse mesmo fólio, a epígrafe do capítulo CCLI (reinado de Ramiro I), idêntica à que se encontra no texto editado por Cintra (II: 399) e transcrita por Cunha Leão na nota a que há pouco nos referíamos. O texto deste capítulo não chegou, porém, a ser copiado. Em seu lugar, e ainda no fól. 212r, encontramos a seguinte afirmação, da responsabilidade da mesma mão que vinha copiando o texto da crónica:

Aquy emtra o quaderno de purgaminho e passado todo o dito caderno cõ suas folhas que detro estam metidas pa suprir as faltas e apagadoras do caderno omde se elle acaba de todo emtra isto que esta escpto nesta folha escpta a diamte desta ff omde diz tornou-se pa a villa muy triste e tevese p emganado.

O mesmo copista deixou uma outra anotação, situada à margem da epígrafe do capítulo CCLI: «aqui emtra o quaderno».

O verso do fól. 212 e todo o fól. 213 ficaram em branco. O texto é retomado no fól. 214r, começando com “tornousee p~ aa billa muy triste”. Esta passagem situa-se no capítulo DCIX da *Crónica*, relativo já ao reinado de D. Afonso VI. A partir deste ponto, o texto da crónica prossegue sem interrupções até ao fól. 267r, em que se encontra uma nova lacuna, assinalada pelo espaço deixado em branco após a transcrição das palavras “bpo dom jeronymo”, palavras localizadas no capítulo DCLXXIV (Cintra IV: 173), ainda relativo ao reinado de D. Afonso VI. O texto é retomado no fól. 268r, com as palavras iniciais do capítulo DCXCIX (“veendo os nobres barões”), referentes a um episódio do final do reinado de D. Urraca e princípios do de D. Afonso VII. O texto da crónica termina no final do fól. 329v. As últimas palavras deste fólio são “que asy era u~dade”. Estamos no capítulo DCCXCI, reinado de Fernando III. É visível que o manuscrito perdeu os últimos fólios, sendo essa a razão para o final abrupto do texto.

Não é possível saber quantos fólios se perderam, o que seria importante, entre outras razões, para percebermos se o texto ultrapassaria, ou não, o reinado de Fernando III. A análise da organização do manuscrito em cadernos, apesar de bastante dificultada pelo estado de degradação em que se encontra, poderá fornecer algumas pistas de reflexão. A acima referida nota manuscrita de Cunha Leão contém, a este respeito, a seguinte informação, que aqui voltamos a reproduzir: “8 cadernos de 42 fols? 287 329 42

f.”. Esta informação conduziu-nos ao fól. 287, cuja leitura revelou a existência, na margem esquerda do reto deste fólio, de um 8 escrito por mão contemporânea à feitura do códice. Cunha Leão deve ter deduzido, com base neste facto, que no fól. 287 se iniciava o oitavo caderno (a observação das costuras parece confirmar, de facto, que ali se inicia um caderno), e, fazendo as contas, sugeriu que o manuscrito era constituído por cadernos de 42 fólhos. Este cálculo não tem em conta, todavia, a perda final de fólhos, que inviabiliza os pressupostos da contagem. A identificação do início do caderno oito poderá, apesar disso, vir a servir de apoio para uma futura análise codicológica realizada por especialistas.

Esta descrição do conteúdo do manuscrito da Ajuda e das suas lacunas permite-nos relacionar o seu texto com um dos manuscritos portugueses da *Crónica de 1344: L*, representante da “versão duarteana”. Com efeito, tal como sucede em *L* (e ao contrário do que se verifica nos restantes manuscritos, portugueses e castelhanos), o prólogo e o capítulo inicial da Crónica aparecem no manuscrito da Ajuda sem epígrafe (cf., para *L*, Pedrosa 67-68). *L* – diferentemente do que sucede nos outros testemunhos da Crónica – contém uma grande lacuna que afeta todo o final do reinado de D. Afonso VI, lacuna que começa com as palavras “bispo dom jeronymo” (Miranda 253) e termina, já no reinado de D. Urraca, com as palavras iniciais do capítulo DCXCIX, “veendo os nobre barões” (Miranda 253). Esta lacuna existe também, como vimos, no manuscrito da Ajuda, que interrompe e recomeça o seu texto rigorosamente com as mesmas palavras com que o faz *L*.

A estas coincidências, suficientes por si só para agruparmos o códice da Ajuda juntamente com *L*, podemos acrescentar ainda outras passagens comuns a ambos estes manuscritos e que os afastam dos restantes testemunhos da *Crónica de 1344*. Conforme acima indicámos, uma das principais singularidades de *L* reside na omissão da história dos reis de Portugal, que a *Crónica de 1344* (cujo texto subsiste, neste ponto, apenas nos manuscritos da segunda redação) conta, segundo um esquema tradicional nas crónicas da escola afonsina, durante o relato do reinado de D. Afonso VII. Ao contrário do que sucede com a lacuna do reinado de D. Afonso VI, a ausência da história dos reis de Portugal em *L* deveu-se a uma opção deliberada, segundo explica o seu próprio texto:

Onde sabe que en este logar jaz scripto en muitos livros donde deçende os reys de Portugal e suas estorias deles coñvem a saber como o conde dõ Anrique que era casado com dona Tareyja, filha del rey dom Afonso o que tomou Tolledo a mouros como já dissemos tinha aprazada a vila de Leon que se a quatro meses lhe nõ acorresse o emperador que fosse sua com todas suas perteeças e como o conde morreo ante que o prazo fosse acabado E da contenda que o emperador depois ouve com dom Afonso seu filho e foy veçido o emperador en huã batalha que ambos ouverõ E per que guisa dõ Afonso depois foy cercado dele en Guimarães e se o emperador alçou do cerco E como depois este dom Afonso pelejou cõ cinco reis mouros e ante que entrasse na batalha foy alçado por rey Mas desto e das cousas que acontecerom em sua vida com todalas outras estorias dos reys de Portugal que depos el vehero nos nõ diremos aquy nada mas contallasemos en fim deste livro por se entenderem melhor posto que muitas outras cousas dellas fossem feitas en este tempo e as alguãs estórias contem en este logar. (Miranda 256)

Ora, o texto do manuscrito da Ajuda não só omite também a história dos reis de Portugal, como contém, exatamente no mesmo local que *L*, a mesma justificação, com as mesmas palavras (fól. 272r).

Outra significativa coincidência entre os dois manuscritos ocorre no capítulo DCCIV. A dada altura desse capítulo, o texto do manuscrito da Ajuda tem um espaço em branco: “salluo h~uu [⊠] que levou a sam dinis” (fól. 271v). O mesmo fenómeno verifica-se também em *L* (cf. Miranda 256).

É, portanto, inquestionável que o manuscrito da Ajuda está muito estreitamente relacionado como o manuscrito *L*. Uma vez que o códice da Ajuda é cerca de um século posterior ao da Academia das Ciências, a hipótese que primeiro ocorre é vermos nele uma cópia direta deste último. Impede-nos de o afirmarmos com certeza, porém, a grande lacuna começada no reinado de Ramiro I e a indicação de copista que a acompanha, acima transcrita e já argutamente notada por Francisco da Cunha Leão.

À primeira vista, essa nota pareceria confirmar a dependência do manuscrito da Ajuda em relação a *L*. Com efeito, refere ela, se bem a interpretamos, um caderno de pergaminho cujo conteúdo supriria a lacuna em questão. Esse caderno teria dentro dele algumas folhas, destinadas a facilitar a leitura das passagens materialmente deterioradas. E *L* é, precisamente, um manuscrito pergamináceo. Além disso, sabemos que, ao dar entrada na Academia das Ciências em finais do século XIX, o manuscrito possuía uma encadernação “de madeira coberta de moscovia, com ornatos, tendo a lombada em mau estado” (Tibúrcio 31), a qual encadernação foi prontamente substituída, dado o mau estado em que se encontrava. Devido a esta substituição, não é possível determinar-se com rigor qual a época a que pertencia a encadernação que o manuscrito tinha ao dar entrada na Academia das Ciências. Não seria, por isso, impossível que essa encadernação fosse posterior a meados do século XVI, e que os copistas do manuscrito da Ajuda tivessem acesso a *L*, estando ele em cadernos. Isso poderia ser uma explicação para a lacuna começada no reinado de Ramiro I, que coincidiria com um caderno que, por descuido, não teria sido copiado. Esta hipótese explicaria ainda a referência a um caderno que se encontra na nota do copista do manuscrito da Ajuda que assinalou essa lacuna. É também sabido, por outro lado, que a biblioteca de D. Duarte continha, à data da sua morte, duas Crónicas de Espanha, uma delas em cadernos. Esta crónica em cadernos bem podia ser *L*, que assim teria permanecido até, pelo menos, meados do século XVI, data da cópia da Ajuda.

Todavia, o conteúdo da lacuna do manuscrito da Ajuda não coincide exatamente com o de nenhum caderno do manuscrito da Academia das Ciências. O início dessa lacuna corresponde, em *L*, quase exatamente ao final do fól. 95 deste último manuscrito. Quase exatamente, porque esse fól. de *L* contém, para lá da epígrafe do capítulo CCLI ainda abrangida pelo códice da Ajuda, as primeiras palavras desse mesmo capítulo, que já não se encontram no manuscrito da Ajuda (cf. Pedrosa 309). Não seria de estranhar que o copista do manuscrito da Ajuda decidisse não copiar as palavras iniciais desse capítulo. Contudo, o fól. 95 não termina nenhum caderno do manuscrito da Academia das Ciências. O caderno em que tal fól. se inclui termina, com efeito, no fól. 99 (Tibúrcio 41). Da mesma forma, também o momento em que o texto do códice da Ajuda recomeça, após esta lacuna, não corresponde ao início de nenhum caderno em *L*. O texto com que o manuscrito da Ajuda recomeça, após essa lacuna, situa-se, em *L*, no fól. 240v, quarta coluna. Este fól. pertence ao caderno 25, que abrange os fól. 237 a 246 (Tibúrcio 41). Seria muito estranho que o copista do manuscrito da Ajuda decidisse retomar o seu trabalho, depois da lacuna, com uma frase incompleta (“tornousee p~ aa billa muy triste”) localizada no verso de um fól. Estes factos impedem-nos de afirmar taxativamente que o manuscrito da Ajuda é uma cópia direta do manuscrito da Academia das Ciências.

Colocam-se-nos, portanto, duas alternativas: ou o manuscrito da Ajuda é uma cópia de uma cópia de *L* (que, essa sim, teria uma estrutura em cadernos coincidente com a grande lacuna do códice da Ajuda), ou trata-se, pelo contrário, de uma cópia de um

antecedente de *L*, que, seguindo o mesmo raciocínio, apresentasse a organização em cadernos pressuposta na lacuna da cópia da Ajuda. Sem a leitura do texto integral do manuscrito da Ajuda, não é possível decidirmo-nos por uma ou por outra destas alternativas. Não podemos, em todo o caso, deixar de fazer duas observações.

Em primeiro lugar, a análise estemática a que Cintra submeteu os manuscritos portugueses então conhecidos levou-o a afirmar, com bons argumentos, a existência de um antecedente comum a *L* e a *P*. Esse antecedente comum teria já a lacuna situada entre o final do reinado de Afonso VI e o início do de Afonso VII, transmitida a *L*, mas preenchida por *P* com recurso a outra cópia; estaria, porém, isento da omissão da história dos reis de Portugal. Esta omissão seria da responsabilidade do copista de *L*, facto aliás aparentemente confirmado pelas suas próprias declarações. E, sendo da responsabilidade do copista de *L*, o facto de também o manuscrito da Ajuda conter essa omissão significará que este manuscrito descende do manuscrito da Academia das Ciências, através de um intermediário atualmente perdido ou desconhecido. Tendo em conta estes dados, e também a circunstância de, como vimos, a omissão da história dos reis de Portugal ser uma atitude perfeitamente compreensível no contexto das opções historiográficas impulsionadas por D. Duarte (e o manuscrito *L* é uma delas), a solução preferível parece ser, de momento, a de vermos no manuscrito da Ajuda uma cópia indireta do manuscrito *L*. Só uma leitura global do seu texto permitirá, contudo, repetimos, confirmar ou infirmar esta hipótese. Desejavelmente, essa leitura deverá ter em conta também o texto do *Arreglo toledano* da *Crónica de 1344*, obra que, como atrás dizíamos, está também estreitamente relacionada com o manuscrito *L*. É assim de esperar que trabalhos de conservação do manuscrito da Ajuda, bem como uma eventual digitalização, permitam, de futuro, clarificar as evidentes relações existentes entre ele e o manuscrito da Academia das Ciências, e entre ambos estes manuscritos e a possível existência de rascunhos ou testemunhos da *Crónica de 1344* hoje perdidos ou desconhecidos.

Entretanto, o facto de termos agora disponíveis o fac-símile e uma nova transcrição do texto do manuscrito *L*, juntamente com a digitalização do manuscrito *P* e um conjunto de estudos sobre aspetos específicos, permite-nos afirmar que estamos no início de uma nova etapa da investigação sobre a *Crónica de 1344*. Esta nova etapa promete ser tão frutífera para o entendimento do importantíssimo papel desempenhado pelas diversas redações e versões desta crónica no desenvolvimento da escrita historiográfica portuguesa e castelhana quanto o foi a que, a seu tempo, impulsionaram Cintra e Catalán.

Obras citadas

Manuscritos

- Évora, Biblioteca Pública. CV / 2-23 (BITAGAP manid 1491). = *Ev*
 Genève Bibliothèque de Genève. I.e. 204 (BETA manid 5378). = *G*
 Lisboa. Biblioteca da Academia das Ciências. MS. Az. 1 (BITAGAP manid 1081). = *L*
 Lisboa. Biblioteca do Palácio da Ajuda. 51-XIII-36 (BITAGAP manid 6027). = *A*
 Lisboa, Biblioteca Nacional, COD. 8650 (BITAGAP manid 1490). = *Li*
 Madrid. Biblioteca Francisco de Zabálburu. 11-109 (BETA manid 1506). = *U*
 Madrid. Biblioteca Nacional de España. MSS/1499 (BETA manid 4975). = *N*
 Madrid. Biblioteca Nacional de España. MSS/10814 (BETA manid 1504). = *Q1*
 Madrid. Biblioteca Nacional de España. MSS/10815 (BETA manid 1501). = *Q2*
 Madrid. Real Biblioteca del Palácio. II-875 (BETA manid 1502). = *V*
 Paris. Bibliothèque nationale de France. Fonds Portugais 9 (BITAGAP manid 1155). = *P*.
http://gallica.bnf.fr/Search?ArianeWireIndex=index&p=1&lang=EN&f_typedoc=manuscrits&q=cronica+geral+de+espanha.
 Porto. Biblioteca Pública Municipal. ST 86 (Geral 79) (BITAGAP manid 1492). = *C*
 Salamanca, Biblioteca General Universitaria. Ms. 2656 (BETA manid 1505). = *M*
 San Lorenzo de El Escorial. Real Biblioteca del Monasterio. &.II.1 (BETA manid 1500). = *E*
 Santander. Biblioteca Menéndez y Pelayo. Ms. M-109 (BETA manid 1503). = *S*

Impresos

- Armistead, Samuel G. "New perspectives in Alfonsine historiography". *Romance Philology* 20:2 (1966): 204-17.
 Beceiro Pita, Isabel. "La recepción de la cultura aristocrática castellana en el Portugal de los Avis". *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. II, 221-35.
 "Bibliografía Española de Textos Antiguos [BETA]." The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-.
http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/beta_po.html.
 "Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses [BITAGAP]." The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-.
http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html.
 Catalán, Diego. "La versión portuguesa de la *Crónica General*". *Romance Philology* 13.1 (1959): 67-75.
 Catalán, Diego (con la colaboración de Enrique Jérez). "Rodericus" *Romanzado en los reinos de Aragón, Castilla y Navarra*. Fuentes Cronísticas de la Historia de España X. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal, 2005.
 Catalán, Diego y María Soledad de Andrés, eds. *Crónica General de España de 1344*. "Presentación". V-XI. "La Crónica de 1344. Estudio histórico". XIII-LXVIII. "Manuscritos" LXXI-LXXXII. Fuentes Cronísticas de la Historia de España II. Madrid: Seminario Menéndez Pidal – Gredos, [1970] 1971.
 Cintra, Luís F. Lindley, ed. *Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto em português*. 4 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1951-90.
 Conde, Juan Carlos, ed. "Las Siete Edades del Mundo, de Pablo de Santa María. Refundición de 1460". *Lemir* 1 (1996-1997).

- <http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Conde/Conde.html>.
- Crónica Geral de Espanha de 1344*. A Coruña: Xuntanza Editorial – Boreal Ediciones, 2007. Facs. [do MS Az. 1, da Academia de Ciências de Lisboa].
- Ferreira, Maria do Rosário, dir. *De Afonso X a Afonso XI. Edição e estudo do texto castelhano dos reinados finais da 2ª redacção da Crónica de 1344*. Paris: SEMH-Sorbonne – CLEA, 2015. <https://e-spanialivres.revues.org/698?lang=es>.
- Geada, Maria da Conceição. “Manuscritos da Ajuda. Estante 51 Inventário”. Manuscrito inédito. 19 vols. Biblioteca do Palácio da Ajuda. 1983-2004.
- Gurruchaga Sánchez, Marina. “Un ejemplo de la transmission literaria intraestamental: el sermón sobre el yugo y las coyundas de la divisa de Fernando de Aragón y el sermón *inqui meum suam est* de Í. López de Mendoza (ms. 318 Bib. Menéndez y Pelayo) y las escrituras castellanas usuales desorganizadas”. *Signos* 5 (1998): 73-97.
- Menéndez Pidal, Ramón. *Crónicas Generales de España*. Catálogo de la Real Biblioteca. Tomo V. Manuscritos. 3ª ed. Madrid: [Blass y Cia.], 1918.
- . “Tradicionalidad de las *Crónicas Generales de España*. A propósito de los trabajos de L. F. Lindley Cintra”, *Boletín de la Real Academia de Historia* 136 [Abril-Junio] (1955): 131-197.
- Miranda, Sílvia. “Reconstituição do ms. L da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (2a Parte)”. Diss. (Relatório Final de Estágio de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.
- http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9403/1/ulfl144050_tm.pdf.
- Moreira, Filipe Alves. *A “Crónica de Portugal de 1419”: fontes, estratégias e posteridade*. Coleção “Textos universitários de Ciências Sociais e Humanas”. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- . “Notas sobre a convivência de línguas em Portugal no século XV e a tradução da *Crónica de Alfonso X*”. *E-spania (revue d’études interdisciplinaires médiévales et modernes)* 13 (2012-06). <http://e-spania.revues.org/21113>.
- Pandiello Fernández, Maria. “Estudio iconográfico de algunas representaciones en la *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Academia das Ciências, M. S. A. 1)”. Tese de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Pedro de Barcelos e a monarquia castelhano-leonesa: edição e estudo da secção final inédita da Crónica de 1344*. Projeto do Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade. Abril 2014.
- <http://pedrodebarcelos.wix.com/cronica1344>.
- Pedrosa, Marta. “Reconstituição do ms. L da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (1ª Parte)”. Diss. (Relatório Final de Estágio de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9924/1/ulfl139251_tm.pdf;
- http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9924/2/ulfl139251_tm_cge.pdf.
- Peixeiro, Horácio Augusto. “Imagem e Tempo: representações do poder na *Crónica Geral de Espanha*.” *Revista de História da Arte. Imagem, Memória e Poder. Visibilidade e Representação (sécs. XII-XV)* 7 (2009):152-177.
- Pio, Carlos. “História e circulação do manuscrito Bnf fonds portugais 9 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*”. Diss. University of California, Santa Barbara, 2014.
- Silva, Nuno Espinosa Gomes da. “A Continuação da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, no Manuscrito que Pertenceu ao Condestável D. Pedro de Portugal.” António

- Cândido de Oliveira, ed. *Estudos em homenagem a Francisco José Velozo*. Braga: Universidade do Minho – Associação Jurídica, 2002. 707-730.
- Silveira, Luís. “Panegírico do Infante D. Pedro.” *Ocidente* [Lisboa] 24.79 (1944): 205-217.
- Sobral, Cristina. “Livros medievais”. Arthur L.-F. Askins, Cristina Sobral e Isabel Almeida. *Examinar os manuscritos das livrarias particulares. Obra do Conde da Ericeira*. Coimbra: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2012. 149-184.
- Tibúrcio, Catarina. “A iluminura do manuscrito 1 série azul da *Crónica geral de Espanha de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa: da técnica e do estilo individual ao posicionamento no seu ambiente criador”. Tese de mestrado Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.
- Ward, Aengus. “El *Arreglo toledano* de la *Crónica de 1344*: antiguas tradiciones y nuevos usos”. Aengus Ward, org. *Teoría y Práctica de la historiografía hispánica medieval*. Birmingham: University of Birmingham Press, 2000. 59-79.